

A ESTÉTICA NEOLIBERAL DA NOVA RAZÃO DO MUNDO CAPITALISTA: educando o indivíduo competitivo

LA ESTÉTICA NEOLIBERAL DE LA NUEVA RAZÓN DEL MUNDO CAPITALISTA: educando al individuo competitivo

Wagner Valente dos Passos¹
Carlos Roberto da Silva Machado²

Resumo: Este ensaio apresenta argumentos para sustentarem a afirmação da hipótese de ser o capitalismo um regime estético, que tem na manutenção e sustentação da “partilha do sensível” através de fundamentos políticos, na liberdade e na verdade da mercadorização de tudo e de todos em contexto competitivo de todos contra todos como ideal. Nossa perspectiva crítica se apoia na análise de discurso (AD), de Eni Orlandi (2009) e na estética de Jacques Rancière (2009, 2011) e Pablo René Estevez (2011). O material empírico utilizado foram uma capa de jornal, uma campanha e uma propaganda de imóvel como exemplo de como àquela razão do mundo se expressa e produz uma significação ao leitor em conformidade a ideologia capitalista.

Palavras-chaves: Educação Ambiental. Estética. Mídia.

Resumen: Este ensayo presenta argumentos para sostener la afirmación de la hipótesis de que el capitalismo es un régimen estético, que tiene en el mantenimiento y sustentación del "reparto de lo sensible" a través de fundamentos políticos, en la libertad y en la verdad de la mercancía de todo y de todos en un contexto competitivo de todos contra todos como ideal. Nuestra perspectiva crítica se apoya en el análisis de discurso (AD), de Eni Orlandi (2009) y en la estética de Jacques Rancière (2009, 2011) y Pablo René Estevez (2011). El material empírico utilizado fue una portada de periódico, una campaña y una propaganda de inmueble como ejemplo de cómo a aquella razón del mundo se expresa y produce una significación al lector en conformidad a la ideología capitalista.

Palabras-clave: Educación Ambiental. Estética. Medios de comunicación.

INTRODUÇÃO

A estética seria o “estudo filosófico sobre o belo e sobre as obras de arte”; ou o “conjunto dos princípios fundamentais de uma expressão artística em conformidade com determinado ideal de beleza”; ou seria “relativo ao belo, a sua percepção, a arte e que proporciona a beleza ao corpo” (LAROUSSE, 2007, p.427). Mas, também pode ser a “ciência do belo, da natureza e das artes; concepção particular do belo; (...) que caracteriza o belo” (LE ROBERTIT, 2008, p.263). No entanto, se como diz Harvey ao discutir o espaço que, os “juízos estéticos” ao serem “transformados em un ente material de algun tipo, será vivido por quien és lo visiten o trabajen en el” (HARVEY, 2017, p. 169) de outra forma, isto implicaria em pensarmos a estética para além de definições abstratas e conceituais! Assim, considerar o contexto espacial e suas transformações decorrentes das relações entre os humanos e a natureza, diríamos nós, significaria pensar e articular na reflexão ser, fazer em sua relação com o contexto social e natural. Isto porque, certamente, aqueles

¹ Doutorando em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA) e administrador Público Federal (IFSul/Câmpus Pelotas). E-mail: <w-passos@hotmail.com>

² Professor titular de políticas públicas da educação na Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e na Linha de Fundamentos da Educação Ambiental no. E-mail: <carlosmachado2004furg@gmail.com>

envolvidos irão refletir sobre estética (hacer juicios estéticos), diferentemente de alguém que, de fora ou não envolvido diretamente, produz seus juízos estéticos. Sendo assim, de um lado, podemos dizer ser a estética - o conjunto de princípios expressos conforme determinado ideal/padrão de beleza e concepção de belo – expressão e concepção de verdade/padrão– que se materializa em ideais, nos corpos, na orientação à reflexão sobre a beleza, as artes, etc. um determinado “regime estético” (RANCIÈRE, 2009)³,mas, de outro lado e ao mesmo tempo incluindo o seu contrário como expressão e concepção produzida desde e a partir de relações sociais desiguais de “partilha do sensível” (RANCIÈRE, 2009, 2013), como dois lados de uma mesma moeda que precisaram ser contraditoriamente consideradas na reflexão deste ensaio.

No entanto, aquele “envolvido”, que educa ou é educado ou que “apenas pensa” está num lugar, se expressa e concebe as coisas (sua estética e seu regime estético) desde um lugar onde vive e no qual se relaciona, seja com o que está fora (o social e o natural), seja do que imagina, sonha, orienta-se enquanto perspectivas e utopias (interior) que aprendeu, apreendeu e que orienta seu viver. Portanto, diríamos estarem aí envolvidos três aspectos: o indivíduo e seu vivido; o que concebe e expressa como saber/conhecimento e o mundo social e natural enquanto externo e interno a ele, os quais se relacionam de forma conflitiva⁴ desde relações entre este trio (vivido, concebido e utópico/imaginado)⁵.

Sendo assim, o contexto atual do capitalismo onde tudo tende a ser transformado em mercadoria, inclusive a natureza, os indivíduos, a educação (e seu currículo), o conhecimento, etc. num mercado de relações competitivas de todos contra todos, como ideal de civilização, como razão do mundo atual (DARDOT e LAVAL, 2016), busca induzir à produção e (re)produção de concepções no e através do sujeito competitivo (mesmo sendo crente)⁶ do que é o belo, o ideal, o modelo de corpo, de vida, de relações, de verdade, etc. o âmbito do vivido e do concebido. Disso, então, se considerarmos que, cada época produz ou cria um “regime estético” num contexto conflitivo tanto material como simbólico, deveremos considerar os diferentes pontos de vista nos/dos debates implícitos e explícitos sobre a *pensabilidade* da materialidade relacional entre desiguais e desses grupos humanos (sociedade), em conflitos, entre si, seja pela apropriação da riqueza e das terras (natureza), e subsolo bem como sobre em quem cairão os impactos negativos e as contaminações (as chamadas externalidades) de tais atividades. Ou seja, de um lado as explicações ou concebidos dos grupos que se beneficiam da apropriação da riqueza, das terras e das políticas de exploração e transformação da natureza física e social buscam justificá-los, bem como aos impactos negativos ou das

³ Seria ou se manifestaria como algo parecido com o fetiche da mercadoria teorizado por Marx, ou seja, as definições são feitas pelos humanos, mas nas mesmas se busca um deslocamento ao abstrato sem ingerência das “pegadas humanas”, algo universal talvez, que possa servir a tudo e a todos, sem a materialidade desigual, injusta e de exploração de uns humanos e da apropriação da riqueza daí advinda por outros na transformação da natureza e dos demais seres vivos; bem como sobre quem recairão os impactos negativos e contaminantes de tais atividades.

⁴ O conflito aqui se refere a um “desacomodamento”, a “curiosidade” na tensão entre o social e o natural com o ser que busca compreender “as coisas”, portanto, um processo pedagógico onde o conflito tem seu aspecto de positividade (Freire, Paulo, __, P.; GADOTTI, M.; GUIMARAES, S. *Pedagogia: diálogo e conflito*. São Paulo: Cortez, 1986; Santos, Boaventura de Sousa (2009), “Para uma pedagogia do conflito”, in Freitas, Ana Lúcia e Moraes, Salete Campos (Orgs.), *Contra o desperdício da experiência. A pedagogia do conflito revisitada*. Porto Alegre: Redes Editora Lda., 15-40; Machado, Carlos RS; MACHADO, Tainara Fernandes, **O LOBO (O OPRESSOR) EM PELE DE CORDEIRO ENTRE NÓS (OS DESIGUAIS E DIFERENTES): OS CONFLITOS EM PAULO FREIRE COMO CONTRIBUIÇÃO AOS PROCESSOS EDUCATIVOS E PRODUTIVOS**, Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient. E - ISSN 1517 - 1256, Edição especial XIX Fórum de Estudos : Leituras de Paulo Freire, p. 60 – 78 , junho, 2017, in: <HTTPS://PERIODICOS.FURG.BR/REMEA/ARTICLE/VIEW/6893>.

⁵ Inspiramos-nos aqui em Henri Lefebvre (1974).

⁶ Lembrar o escândalo criado pelo MBL e crentes contra a exposição *Queermuseu - Cartografias da Diferença na Arte Brasileira*, no Santander Cultural de Porto Alegre à qual levou ao seu fechamento em setembro de 2017. Fonte: El País. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/11/politica/1505164425_555164.html acesso em 25/05/2018>; mas também, quando da visita de Judith Butler ao Brasil, perseguindo-a até no aeroporto, com expressões que nos lembraram as fogueiras da inquisição feudal da Europa em séculos passados!

contaminações⁷; de outro lado, em nossa perspectiva, àqueles grupos sociais prejudicados por tais ações que se manifestam através de conflitos, os quais seriam indicadores da existência de controvérsia bem como de injustiça ambiental (ACSELRAD, 2009).

Sendo assim, neste ensaio, partimos da reflexão de que o discurso dos neoliberais buscam produzir “relações de poder e maneiras de governar da vida política, econômica e social” através de uma “nova maneira de conduzir os indivíduos”, de os induzir a “condutas” de “concorrência e o modelo empresarial modelo de [tal] conduta” e na “criação da concorrência sistemática entre os indivíduos” (DARDOT e LAVAL, 2016, p.17-30), como nova razão do mundo, e de estar, pensar e se relacionar no e com o mundo. Disso, ou seja, destes elementos/aspectos estéticos do “capitalismo realmente existente” mostraremos que os mesmos podem ser identificados numa capa de jornal ou numa campanha de uma entidade de jornais e também numa propaganda de um imóvel em sintonia com o regime da “partilha do sensível” (RANCIÈRE, 2009; 2013), realmente existente. Tal estética induz – nossa hipótese - à produção de uma determinada relação dos indivíduos entre si e com a natureza– e, portanto, um determinado regime estético - dominante que é produzido, disputado, reafirmado permanentemente por diferentes atores, sejam empresas públicas e estatais, na sociedade capitalista que vivemos. A propaganda ou o *marketing* de empresas públicas e privadas seriam um dos meios de produção de tal estética na sociedade e nos indivíduos que exemplificaremos na reflexão da capa, da campanha e da propaganda. Para a análise crítica destes materiais nos inspiramos na Análise do Discurso (AD) de Eni Orlandi (2009) para a reflexão do material empírico; e em Jacques Rancière (2009; 2013) e Pablo Rene Estevez (2011) na parte da estética.

O DISCURSO DA E NA ESTÉTICA DA “PARTILHA DO SENSÍVEL”

O discurso como movimento e análise

A Análise do Discurso é o estudo da “palavra em movimento, prática de linguagem” ao considerar os documentos como discurso (ORLANDI, 2009, p.15), não vai se ocupar do sentido do texto ou do sentido do discurso, mas sim dos modos e das dinâmicas do texto e do discurso por ocasião da produção de sentidos ao longo do fio da história (ORLANDI, 2009). E disso, visando refletir “sobre a maneira como a linguagem está materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua” (ORLANDI, 2009, p. 16). Tal análise de discurso parte de premissas, como de que (a) “a língua tem sua própria ordem”, (b) “a história tem seu real afetado pelo simbólico”, e, de que (c) “o sujeito da linguagem é descentrado, pois [...] funciona pelo inconsciente e pela ideologia” (ORLANDI, 2009, p. 19- 20).

Neste sentido, “[a AD] visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos” (ORLANDI, 2009, p. 21-26), considerando as condições de produção, em um sentido estrito, que dariam conta do contexto imediato da enunciação, mas também, num sentido amplo, incluindo o contexto sócio-histórico e ideológico. Mas, ainda não daria conta apenas do contexto sócio-histórico, mas também do imaginário produzido pelas instituições, sobre o já dito, sobre a memória, das formações imaginárias onde estariam definidos o “lugar e posição dos sujeitos”, ou seja, em nossa perspectiva, na manutenção e sustentabilidade da “partilha do sensível” (RANCIÈRE, 2009, 2013),

⁷ É o que está tentando fazer na atualidade o agronegócio, através de propagandas e anúncios de que não são os responsáveis pela morte das abelhas ou da recente lei dos agrotóxicos onde o “veneno” é associado a medicamentos, e que já faz parte da propaganda do *Agro é pop*. rejudicial assim, como “alguns” dizem, por exemplo: *Estudos indicam que defensivos agrícolas não interferem na vida das abelhas quando aplicados corretamente*, **Agricultura sem mitos**, ClioStudio, ZERO HORA (RS), 8 outubro de 2018, p.51; ou *A lei dos agrotóxicos precisa ser revista*, entrevista do médico Flávio Zambone, Instituto Brasileiro de Toxicologia, Jornal Estado de São Paulo, 26 setembro de 2018, caderno AGRO, produzido por MEDIALAB.

existente, e produzido pelo discurso dos “hememons” (CECENA, 2004).

O trabalho da ideologia na ordem do discurso é o de “produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência” (ORLANDI, 2009, p. 46), e em nosso caso, para problematizar a justificação da desigualdade do e entre seres e suas relações com a natureza da e na sociedade realmente existente, diríamos nós, através de um determinado “regime estético”. Mas, destaca a autora que “a ideologia não é ocultação, mas função necessária entre língua e mundo” (ORLANDI, 2009, p. 47), pois, tanto a interpretação quanto o sujeito que a realiza fazem parte do próprio objeto de estudo. O que o analista pleiteia não é um lugar neutro, do qual se possa averiguar a verdade dos processos de produção de sentido, mas sim um deslocamento que lhe permita trabalhar no “entremeio” localizado entre a interpretação e a descrição. O analista diz a autora, “coloca-se em uma posição deslocada que lhe permite contemplar o processo de produção de sentidos em suas condições” (p. 60) sem separar-se dele, diríamos nós.

As bases da análise, *c’est à dire* a delimitação do corpus, da preocupação da/na análise do discurso conforme a autora, são os fatos da linguagem, é com a materialidade e com a espessura semântica dos processos de produção de sentidos. Isto porque, o *corpus* não vai dar conta de dados: “considera-se que a melhor maneira de atender à questão da constituição do *corpus* é construir montagens discursivas que obedeçam a critérios que decorrem de princípios teóricos da análise de discurso, face aos objetivos da análise” (ORLANDI, 2009, p. 63). O que se busca, portanto, seria o mapeamento das regularidades do processo de produção discursiva e não a exaustão temática de um discurso, o que terminaria por cair no conteudismo que a AD refuta desde sua aparição como campo epistêmico de produção de conhecimento nas searas da filosofia da linguagem.

Portanto, falar é tomar partido, é identificar-se com, sendo assim, a articulação do simbólico com o político, mais do que inevitável, está na base da constituição das subjetividades e da existência humana e isso, se materializa na linguagem e a ideologia é mostrada como o princípio norteador das matrizes de sentidos presentes nas formações discursivas, princípio astuto que oculta sua estrutura em seu próprio funcionamento: o de produzir a evidência e a transparência dos dizeres.

A estética no e do dissenso em contexto

Ponto de partida: dois discursos contraditórios sobre o estético

Partimos da afirmação de que, apesar de afirmar à pluralidade, a liberdade, a possibilidade de cada um decidir por si, etc., o discurso dos capitalistas (e seus funcionários e serviços), induzem a significação de um simbólico estético (fetiche da mercadoria, competição, empresariamento e, separação e superioridade dos humanos⁸ sobre a natureza e os demais seres vivos), enfim, do ser e de seu pensar ao viver em permanente competição com os outros/as (inspiramo-nos em Dardot e Laval, 2016). Tais aspectos podem ser identificados em diferentes materiais, como numa capa de jornal, numa campanha ou numa propaganda, por exemplo, desta estética padronizada do capitalismo.

Iniciaremos apresentando dois casos de conflito simbólico no debate estética, para depois, a partir disso, ampliarmos com a reflexão de Jacques Rancière e outros autores sobre o tema.

Ricardo Lísias⁹ relatando sua trajetória de intimado juridicamente ao escrever uma obra literária usando o pseudônimo de Eduardo Cunha justifica a pertinência da mesma como um ato criativo e político: “uma obra de arte só é política se, de fato, intervier no mundo político, transformando-o, ameaçando-o ou

⁸ De determinados humanos, os homens, brancos, heterossexuais, e de preferência aqueles no topo da pirâmide social ou com as “armas na mão”. Neste caso, ver as recentes manifestações de um ex candidato a vice-presidente sobre a necessidade de uma nova Constituição feita por notáveis, de desqualificação de negros e índios, assim como já tinha se manifestado o principal da chapa.

⁹ Escreveu o Diário da Cadeira, usando como pseudônimo o nome Eduardo Cunha, sofreu processo e ainda responde na justiça interpelações dos advogados daquele.

no mínimo abalando o poder estabelecido” (LÍSIAS, 2018, p.12). No entanto, adiante no próprio artigo, contraditoriamente diz: “nós, que lidamos com a arte, não temos nenhuma relação, de dependência ou de vínculo, com a realidade”; pois, diferente do campo do direito diz ele, contestando os advogados de Eduardo Cunha. Portanto, primeiro o autor destaca o vínculo da arte na crítica ao poder e a realidade política justificando sua obra e o uso do pseudônimo de Eduardo Cunha, depois, no mesmo artigo busca se desvincular de tal realidade (da intimidação), através do argumento da diferença da ficção estética do campo direito usado para intimá-lo. Isso nos leva a refletir, afinal a arte tem ou não tem, mantém ou não uma relação com o “real”?

Um segundo exemplo, destaca, não somente o vínculo com o “real”, mas com a ancestralidade, a negritude, e a criação literária articula “escrita e experiência” desde a obra estética de Conceição Evaristo (CORREIO DO POVO, 2018)¹⁰. Jeferson Tenório comenta a possível e, necessária indicação de Conceição Evaristo à acadêmica brasileira de letras¹¹, homenageada na FestiPOA, ganhadora do Jabuti, reconhecida internacionalmente, e negra! Diz: “o possível espanto que essa candidatura possa provocar, venha também acompanhado dos velhos vícios de desconsiderar tudo aquilo que não atende a uma estética eurocêntrica e ocidentalizada”; e também o contrário: a possibilidade de “outra lógica de criação, uma lógica estética que evoca a ancestralidade, que evoca as culturas de matriz africana, evoca a escrevivência (termo cunhado pela própria Conceição), ou seja, uma literatura que é atravessada pela escrita e pela experiência”, diz Tenório. Portanto, disso podemos pensar a existência de estéticas diferentes como as expressas nos dois casos acima.

No entanto, ambas as reflexões implicam uma relação implícita dos autores (de Ricardo Lísias, e da obra de Conceição, conforme Tenório), com a política, a história, regimes estéticos e de relação do real com o abstrato, e, portanto, diferentes concepções de estética. Neste sentido, partimos de sua relação com a política, a partir de Rancière, tema e relação discutido por Vera Maria Pallamin¹² ao dizer que: “sua reflexão implica um deslocamento em relação à estética enquanto associada a teorias da arte, filosofia ou ciência do belo” ou ainda ao “esteticismo ou à estetização” (p.6). Sua noção de estética “não se conjuga a acepção que a define como discurso sobre o sensível”, mas sim “refere-se a estética como ‘distribuição do sensível’” no qual e pelo qual “são determinados os modos de articulação entre formas de ação, produção, percepção e pensamento” (PALLAMIN, 2010, p.6).

Portanto, é a existência concreta e real na qual há/existe/foi produzida uma distribuição desigual como “partilha do sensível” com dois significados conflitantes: “o de compartilhamento de algo comum e a cesura deste em partes exclusivas” (PALLAMIN, 2010, p.6), que articularia contraditoriamente o real e o simbólico, o vivido e o concebido, etc. com o social e o natural diríamos. Tal noção significaria “união e divisão ‘de espaços’, tempos e tipos de atividades que determina propriamente a maneira como um ‘comum’ se presta a participação e como uns e outros tomam parte nesta partilha” (conforme Rancière, 2009, Partilha do Sensível, Estética e Política, p.15, in. Pallamin, 2010, p.6). Ou seja, como o real já existe quando passamos a existir, e ao tomar conhecimento dele, e, portanto, a partilha seria “um sistema de formas ‘a priori’ determinando o que se dá a sentir”, do tempo, do espaço, do visível, do invisível, da palavra, do ruído, etc., mas também do “que esta em jogo na política como forma de experiência” (RANCIÈRE, 2009, p.16).

Nestes termos, “a política tem uma dimensão estética que lhe é inerente, presentificando-se na configuração do sensível” (PALLAMIN, 2010, p.6); e atuando “no âmbito do sentido (palavra) e do sem-

¹⁰ Jeferson Tenório, anfitrião da 11ª FestiPOA e autor do romance Estrela sem Deus.

¹¹ Apesar de ter sido criada por um negro, “filho de uma lavadeira e um pintor de paredes”, chamado Machado de Assis, na atualidade, nenhum negro faz parte da acadêmica. E se confirmou o racismo, Conceição Evaristo teve apenas um voto! Ver: CONCEIÇÃO EVARISTO, Ela seria a primeira escritora negra da ABL. Mesmo com a maior campanha da história, ela perdeu.ver: <https://theintercept.com/2018/08/30/conceicao-evaristo-escritora-negra-eleicao-abl/> acesso 10.10.2018.

¹² Arquiteta e graduada em filosofia, professora da Faculdade de Arquitetura e urbanismo da FAU-USP, discutindo “aspectos da relação entre o estético e o político em Jacques Rancière”.

sentido (ruído) dando forma à comunidade, definem-se competências e, ao mesmo tempo, que as desfruta e as opera” como “um modo de repartição desigual entre iguais, o que responde pela dimensão política imediatamente aí presente” (PALLAMIN, 2010, p.7). Sendo assim, “estas operações – do pensar, do falar, do perceber, do produzir – assentam-se em relações de desigualdade” (PALLAMIN, 2000, p.7)! Situação que vimos mostrando através de nossas pesquisas (e publicações) na desigualdade ambiental e social no extremo sul do Brasil (MACHADO, et. alia, 2017)¹³

Mas, a desigualdade ainda, afirma Rancière “não diz respeito só à esfera material da produção, mas também à esfera moral, tomada em sua amplitude” (RANCIÈRE, in PALLAMIN, 2010, p.7), e disso, se os conflitos que estudamos no extremo sul no âmbito da Rede Brasileira de Justiça Ambiental são concretos – são relações conflitivas entre os grupos em litígio -, haveria também durante seus processos de acontecer “uma batalha sobre o sensível, o perceptível”, portanto, sobre o dissenso decorrente do conflito, já que este “cria uma fissura na ordem sensível confrontando a estrutura dada e suas repartições, redesenhando campos de pertencimento” (in PALLAMIN, 2010, p.8)¹⁴.

Portanto, a política para Rancière diria “respeito ao modo de romper esta ordem e esta lógica, de descontinuá-la, por meio do dissenso” (in PALLAMIN, 2010, p.9), na e contra a “ordem legítima” que tem sua “identificação com um regime de mercado, liberal, em que reinam os desejos ilimitados de consumo, com ênfase, no último quarto de século, em sua forma ideológica como sinônima de regime capitalista” (PALLAMIN, 2010, p.12).

Rancière (2009), ao dizer serem “os atos estéticos (...), configurações da experiência, que ensejam novos modos de sentir e induzam novas formas da subjetividade política” (RANCIÈRE, 2009,p.11), isto é, rearranjos *materiais* dos signos e das imagens, das relações entre o que se vê e o que se diz, entre o [que] se faz e o que se pode fazer” (RANCIÈRE, 2009,p.59), estariam produzindo “efeito no real” (RANCIÈRE, 2009,p.59), e neste caso, “se apropriam dos corpos”, mas não no sentido de produzirem “corpos coletivos”, pelo contrário, “empresários de si” diríamos nós, a partir de Dardot e Laval (2016). Isto porque, do que se está a tratar/disputar/em dissenso é o “tejido de experiencia sensible dentro del cual ellas se producen”, e como tal “cómo se constituye y se transforma un régimen de percepción, sensación e interpretación del arte al acoger las imágenes, los objetos y las prestaciones que parecían más opuestos a la idea del arte bello” (DARDOT e LAVAL 2016, p.10), seja para manter/conservar/reproduzir a divisão do sensível ou sua ruptura!

Sobre a questão da ação de produção da estética, também Pablo René Estevez (2011), diz que na “la sociedad dividida en clases, el arte aparece como forma específica de la actividad humana, y lo bello es valorado por sí mismo” mas, que o marxismo “insuflo nuevos aires al pensamiento estético” ao incorporar a “comprensión de la actitud del hombre hacia la realidad objetiva” (ESTEVEZ, 2011,p.13), como parte da reflexão, e da ação, e assim contribuindo para “esclarecer las vías para la formación de los sentimientos estéticos y el desarrollo de la capacidad estético-perceptiva de los seres humanos” (ESTEVEZ, 2011,p.14). Portanto, não é apenas algo abstrato, até porque, sua produção/definição ou compreensão implicam ação humana, inclusive na afirmação do autor de que “los valores estéticos se manifiestan en todas las estructuras materiales y espirituales de la sociedad” (ESTEVEZ, 2011, p.23). Sendo assim “por enseñanza y educación estética hay que entender el desarrollo sistemático de los órganos de los sentidos y de las capacidades creadoras” (ESTEVEZ, 2011, p.25), resultante das ações humanas em determinados espaços educativos e sobre a sociedade diríamos nós.

O CONTEXTO DO REGIME ESTÉTICO: capitalismo, natureza e relações com a educação e o currículo

¹³ CONGRESSO ALAS, 2017, trabalho: *Conflitos Socioambientais e Educação Ambiental: Reflexões para uma Educação para a Justiça Ambiental*, apresentação n. 7221, gt. Autores: Machado Carlos RS ; Santos Caio Floriano ; Puccinelli Vinicius ; Salles Leila ; Fernandez Alvaro ; Freitas Cleiton, in: http://alas2017.easyplanners.info/opc/tl/7221_machado_carlos_rs.pdf, acesso 10.10.2018.

¹⁴ Poderia possibilitar a partir daí uma ruptura da hegemonia, conforme argumentam Machado e Moraes (2016).

Raymond Williams diz que o termo ecologia aparece como estudo das plantas e dos animais entre si e com seu habitat (WILLIAMS, 2007, p. 146-147), e evolui com a preocupação do habitat humano e natural; e como *environmentalism* [ambientalismo], a partir do final dos anos 1960, devido as mobilizações em torno do tema, surgiram “grupos e partidos ecologistas [que] reinterpreteram a economia, a política e a teoria social, tendo como preocupação central as relações humanas com o mundo físico, como base necessária para a política social e econômica” (WILLIAMS, 2007, p.148). Já o termo natureza, seria diferente, pois

NATURE talvez seja a palavra mais complexa da língua. É relativamente fácil distinguir três campos de significado: 1) a qualidade e o caráter essenciais **de** algo; 2) a força inerente que dirige o mundo ou os seres humanos, ou ambos; 3) o próprio mundo material, incluídos ou excluídos os seres humanos[...]. A expressão latina relevante para os sentidos desenvolvidos é *natura rerum* (natureza das coisas), que já em alguns usos latinos foi abreviada para *natura* (a constituição do mundo). (WILLIAMS, 2007, p.293).

Decorrente disso, no entanto, diz Sahlins que durante milênios os ocidentais “han estado obsesionados con un espectro de su propio ser interior: una aparición de la naturaleza humana tan codiciosa y pugnaz que, a menos que sea gobernada de alguna manera, reducirá a la sociedad a la anarquía” (SAHLINS, 2011, p.19), e que tal obsessão é “una metafísica totalizadora del orden” que se “encuentra en la organización tanto del universo como de la ciudad, y una vez más en conceptos terapéuticos del cuerpo humano”; metafísica que “supone una oposición entre naturaleza y cultura que es característica de nuestro folclore y que contrasta con las concepciones de muchos pueblos” (SAHLINS, 2011, p.19). Mas, “no hay ningún individuo presocial, no hay un ser humano que exista antes o aparte de la sociedad. Los humanos están constituidos, para bien o para mal, dentro de la sociedad, y de forma diversa según diferentes sociedades” (FERGUSON *apud* SAHLINS, 2011, p.122), ou ainda, “los seres humanos [...] se crean en la actividad social mientras ésta se desarrolla en circunstancias históricas dadas” (SAHLINS, 2011, p.122). Portanto, nesta perspectiva e na nossa, há um mundo construído enquanto interpretação e/ou concebido a partir e tendo como materialidade relacional o social e o natural à qual é perpassada de conflitos sobre as próprias interpretações (concebidos), as relações e as conseqüências materiais e simbólicas decorrentes disso tudo.

Também Philippe Descola (2016), ao refletir sobre esta relação da sociedade com a natureza afirma existirem “outras formas de pensar o mundo e outras formas de imaginar um futuro para este mundo” (DESCOLA, 2016, p.49) diferentes do ocidente. E que, portanto, circunscrever as análises e estudos à idéia de separação e superioridade do pensamento ocidental nesta reflexão é limitar a própria abrangência e debate da produção acadêmica em diferentes campos do saber acadêmico. Tal hegemonia e domínio do pensar ocidental, no entanto, é parte da “mundialização” como “uniformização do mundo” (DESCOLA, 2016, p.49), e é preciso “ver a mundialização como uma ocidentalização generalizada” (DESCOLA, 2016, p.49). Enfim, “não somos fragmentos humanos dispersos, mas totalidades em interação, e é como tal que precisamos ser estudados” (DESCOLA, 2016, p.54) e a “relação entre o homem e o meio ambiente [...] é absolutamente crucial” (DESCOLA, 2016, p.54).

Recentemente, Frédéric Neyrat¹⁵, em entrevista¹⁶ afirmou sermos nós o asteróide que poderá destruir a terra.

¹⁵ Autor de *Biopolitique des Catastrophes* (2008), *La Part inconstructible de la Terra. Critique du géo-construtivisme* (2016), *Échapper à l'horreur* (2017), professor do departamento de literatura comparada da Universidade de Winsconsin-Medison e filósofo francês.

¹⁶ GUERREIRO, António. “O asteróide somos nós”, entrevista com Frédéric Neyrat⁴², **ípsilon**, sexta-feira, 10 de agosto de 2018. (encarte jornal o Público). In: <https://www.publico.pt/2018/08/08/culturaipsilon/entrevista/elementos-para-uma-nova-ecologia-politica-1840351>, acesso 15.09.2018.

hoje...o asteróide somos nós próprios, enquanto força antropocêntrica, enquanto força de construção e destruição do mundo. Destruindo o planeta, alterando o clima, tornando o solo infértil, produzindo a diminuição da biodiversidade, somos a causa da destruição do ser vivo (NEYRAT, apud GUERREIRO, 2018, p.18).

Neste sentido, ele diz que “toda ecologia é uma ecologia política”, à qual implica uma relação, a ideia de que os humanos, os animais e as plantas estão numa relação com o ambiente”; “estamos interconectados com tudo o que faz parte do mundo dos seres vivos”. No entanto, se desde o século XVII, com Descartes, fundo “o pensamento dominante e a maneira dominante de construir” tem seus fundamentos “na ideia de que os humanos não tinham nada a ver com o não humano”, em “oposição, [a] tudo o que é não humano”, diz que foi “contra isso que se fundou a ecologia” com o objetivo de “por em causa a separação absoluta entre as humanidades e as ciências, entre o humano e o não humano” (NEYRAT apud GUERREIRO, 2018, p.18). Mas, da separação absoluta – e da superioridade, diríamos nós decorrente do pensamento dominante - se pôs em causa “a divisão entre nós e tudo o resto”, e nos “conduziu a uma indiferenciação e indistinção” entre o “que existia e que tinha valor (isto é, os humanos) e de outro o que não tinha valor, isto é, o corpo, os afectos, o não humano, a Terra, a natureza” (Idem, 2018, p.18). Diante disso, faz uma proposição interessante e relacionada aos fundamentos da educação ambiental:

E, HOJE é necessário compreender não simplesmente como abolir a distinção entre humanos e o não humano, mas como abolir o pensamento que conduziu a uma subestimação radical do que é não humano. E isto é outra coisa que não é apenas pôr em causa essa grande clivagem. Aquilo de que nos temos de separar é do pensamento dominante que conduziu a danificação do mundo.

Por isso, a ecologia política deve ser “capaz de recusar o pensamento dominante e propor outro, na condição de se propor como um exterior em relação ao que existe, separando-se do mundo dominante”; então, há “interconexão do ser vivo, sim, mas acrescentando-lhe um poder de separação política”, à qual significa: “uma capacidade de identificar o que não queremos, de identificar os adversários e também os inimigos, aqueles com quem não há nenhuma discussão possível” (p.18). Isto porque, quando “não se identifica a política em jogo, tornamo-nos um juguete da política” (p.18), já que a política “colocou no seu centro a gestão e o melhoramento do ser vivo – portanto, a biopolítica – é impensável sem uma tecnopolítica”, uma “biopolítica das catástrofes é uma política que deve começar a tomar em consideração a possibilidade de a vida das sociedades humanas ser interrompida”, e disso, a necessidade de um “movimento internacionalista, sabemos-lo desde a Comuna, é preciso dois movimentos ao mesmo tempo”, de um lado, “inscrever a prática política aquém do nível do Estado-nação”; e de outro, “articular essas ações locais num plano supranacional”, portanto este caso, articular a questão local com o supranacional e o internacional, e ao contrário, de como questões supranacionais ou internacionais se articulem e realizem ou se efetivem também no local.

Traduzir a catástrofe na linguagem do risco e da preservação: eis a maneira como os partidos, os Estados, todas as instâncias institucionais clássicas, tentaram conjurar aquilo que teria sido a necessidade de uma modificação radical da nossa relação com a política e com o mundo em que vivemos (NEYRAT, apud GUERREIRO, 2018, p.19).

Também Boaventura de Sousa Santos (2018)¹⁷, sobre o conceitos diz que os mesmos “tal como as regras do jogo, nunca são neutros e existem para consolidar os sistemas de poder, sejam estes velhos ou novos”, e de que a polarização “social entre ricos e pobres nunca foi tão grande, guerras novas, novíssimas, regulares, irregulares, civis, internacionais continuaram a ser travadas”, como consequência delas, “do neoliberalismo global e dos desastres ambientais, nunca como hoje tanta gente foi forçada a deslocar-se das regiões ou dos países onde nasceu, nunca como hoje foi tão grave a crise humanitária”. Por fim, diz que

¹⁷ SANTOS, Boaventura de Sousa. *Os conceitos que nos faltam*. *Jornalaletras.pt*, 1-14 agosto de 2018, p.30-31 [Ideias].

“tanta pilhagem colonialista dos recursos naturais, humanos e financeiros dos países dependentes como o respeito protocolar da soberania”; “tanta destruição arbitrária da natureza e da convivência social como preço inevitável do progresso!”, causando a “mãe de toda esta confusão, induzida por quem beneficia dela” e, urdida na “erosão (...) bem urdida nos últimos 50 anos da distinção entre ser de esquerda e ser de direita” que fez “desapareceram de nosso vocabulário político as lutas anti-capitalistas, anti-colonialistas, anti-fascistas, anti-imperialistas”, sendo assim, “Esta é a maior monstruosidade do tempo presente” (SANTOS, 2018, p.31).

Logo, a construção do currículo escolar integrando os processos de educação e adequação pedagógica para satisfazer as demandas dos estudantes é, de alguma forma, influenciada e determinada não pela libertação e potencia de existir humano e a sua relação social e com a natureza, mas pelo mercado, condicionando o aprendizado as demandas as quais o estudante poderá ser exigido, caso estude em uma escola burguesa, para ocupar postos hierárquicos superiores no trabalho voltados a gerência e empreendedorismo. Já em escolas populares e de periferia, para manutenção limitações dos trabalhadores para que constituam uma massa vulnerável às políticas de exploração da mão de obra e privilégios às grandes empresas. Assim, as diferenças de classe são mantidas com o currículo respeitando demandas hegemônicas impostas pela política segregadora neoliberal.

A ESTÉTICA PADRONIZADA DO CAPITALISMO EM AÇÃO

Nesta parte, partindo e tendo o apresentado nas partes anteriores como ponto de apoio testaremos nossos referenciais analíticos – relacionados à estética e à produção simbólica de determinadas perspectivas ou concebidos - aplicando-os em materiais jornalísticos diversos, ou seja, em matérias publicadas num jornal importante, e hegemônico do Rio Grande do Sul, a Zero Hora, como exemplo da reflexão abstrata das partes anteriores, ou seja, nos utilizaremos de matérias deste jornal para exemplificar elementos da hipótese que apresentamos no início, e que em nossa perspectiva, ilustram elementos do discurso hegemônico atual da formação de indivíduos competitivos na produção de sentidos via indução da e na significação daquele que lê ou vê a imagem, da mensagem explícita e implícita presente no discurso por parte das matérias analisadas.

O jornal Zero Hora, pertencente ao grupo Rede Brasil Sul de Comunicação, se diz liberal em seus posicionamentos, e defensor da livre iniciativa e do sistema de mercado, portanto, do capitalismo. Foi fundada em maio de 1964, após o golpe civil-militar ocorrido em 1º de abril deste mesmo ano, e durante este cresceu e tornou-se (a RBS), uma grande empresa de comunicação. Utilizamos para nossa primeira análise a capa do jornal do dia 3 de maio de 2018.

Imagem 1 - capa do Jornal Zero Hora



Fonte: Jornal Impresso, CM(2018).

Ao realizarmos o processo convencional de leitura de uma imagem da esquerda para a direita e de cima para baixo (EISNER, 1999), lemos a primeira imagem, que é a logo do jornal, em seguida passamos pela imagem do carro batido, no canto superior direito, baixando para a imagem da caminhonete com policiais armados e a manchete "Policial morto", seguindo para a imagem do músico Mario Barbará e a manchete sobre o foro privilegiado de deputados e senadores.

Na análise do discurso a partir da capa, destacaríamos, ainda, a notícia sobre a exportação do aço brasileiro para os Estados Unidos¹⁸, diretamente relacionados aos interesses do empresário do setor - dos Gerdau -, e sempre presente de forma positiva no jornal¹⁹; uma segunda notícia sobre o recebimento de apoio de uma ONG internacional para o saneamento básico no Rio Grande do Sul, deixando a desejar seja por José

¹⁸ O presidente dos EUA Trump resolveu sobretaxar determinados produtos de países que exportam a seu país, e neste caso, atingindo diretamente o do aço atingindo que setores e grupos empresariais brasileiros, no caso em foco as siderúrgicas Gerdau.

¹⁹ Numa busca rápida no site da empresa, com o título Gerdau, apresenta-nos 11 mil e novecentos itens em 0,31 segundos: ver <https://gauchazh.clicrbs.com.br/ultimas-noticias/tag/gerdau/>, acesso 17 de jun. 2018.

Ivo Sartori (atual governador), como por Michel Temer, ambos apoiados de forma subliminar pela empresa contra os governos da esquerda²⁰, mas também poderíamos dizer na esteira do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) que recentemente destacou a necessidade do investimento nesta área em nosso país²¹; a terceira notícia refere-se aos acidentes de trânsito; a quarta sobre a morte de um policial durante ação da polícia no Vale do Caí, na esteira de sua apologia e a notícias recorrentes da necessidade de ampliação da segurança, leia-se da ampliação das prisões sem considerar a desigualdade, o fim das políticas públicas, a miséria, a exploração do trabalho, da natureza, etc. pelo sistema ao qual a empresa defende e por fim, aborda o limite ao foro privilegiado de deputados e senadores, os quais seriam os responsáveis por toda corrupção nas mazelas do país. Em complemento, uma nota sobre a morte do músico e compositor Mario Barbará. Tudo isso, conforme o site do Grupo RBS seus veículos estão dedicados a "contar histórias verdadeiras e emitir opiniões relevantes", pois "informar nunca será apenas informar", "é fazer pensar, inspirar, evoluir, acontecer (...) é transformar, as pessoas, o mundo, a vida".(GRUPO RBS, 2018).

Denunciado na operação Zelotes por pagamento suspeito de R\$ 15 milhões à empresa SGR Consultoria, para influenciar a tramitação de processo no Conselho de Administração de Recursos Fiscais (Carf)²², por dívida com a Receita Federal de R\$ 678 milhões, o Grupo diz defender o livre mercado, assim como também constrói candidatos políticos que professam esta ideologia, como por exemplo, através da eleição de ancoras de sua empresa, como Antonio Britto, que foi deputado e porta-voz de Tancredo Neves; Yeda Crusius, comentarista de Brasília e deputada federal e depois governadora do RS, Ana Amélia Lemos, que foi comentarista na capital do país, e agora senadora e representante do agronegócio e Lasier Martins, comentarista e indicado para disputar o senado com Olivio Dutra e, que depois, "chutou o balde" da empresa, e desapareceu do noticiário da mesma, apesar de cada vez mais se colocar a direita e do oportunismo no espectro político.

O atual contexto social e político do país pós-golpe, e pré-eleições nacional e estaduais, e com a prisão de Lula (em 7 de abril de 2018), e na tentativa de eleger políticos alinhados a sua ideologia e interesses, e aliados do mercado, diríamos que as duas matérias de capa (a de intervenção de ONG internacional no saneamento básico e a de foro privilegiado de deputados e senadores), apresentam-se como não política, apesar de o serem, conforme o destaque do editor ao colocá-la na capa. De outro lado, a ostentação da violência e o fomento do medo como faz permanentemente junto a seus assinantes e leitores de classe média, e também idosos, ao induzi-los permanentemente a um ambiente de medo, insegurança e violências adequadas à propagação de sua ideologia de segurança, à qual pode aproveitar da expertise israelense²³ para

²⁰ De forma permanente a empresa apesar de "liberar" seus funcionários jornalistas para expressarem suas "opiniões", sempre dá mais destaque aos mais "realistas que o rei"; mas, mantém alguns críticos até para dizer, e o faz sempre, ser plural, neutra e lidar apenas com a verdade factual, como Veríssimo, Flávio Tavares, e outros. Atualmente, em crise, se desfez do Diário Catarinense (SC), e há boatos de querer se desfazer de parte do grupo no RS.

²¹ **Saneamento deve ter R\$ 1,5 bi do BNDES**, in:<http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2018/06/saneamento-deve-ter-r-1-5-bi-do-bndes-10374172.html>, acesso 16 de jun.2018.

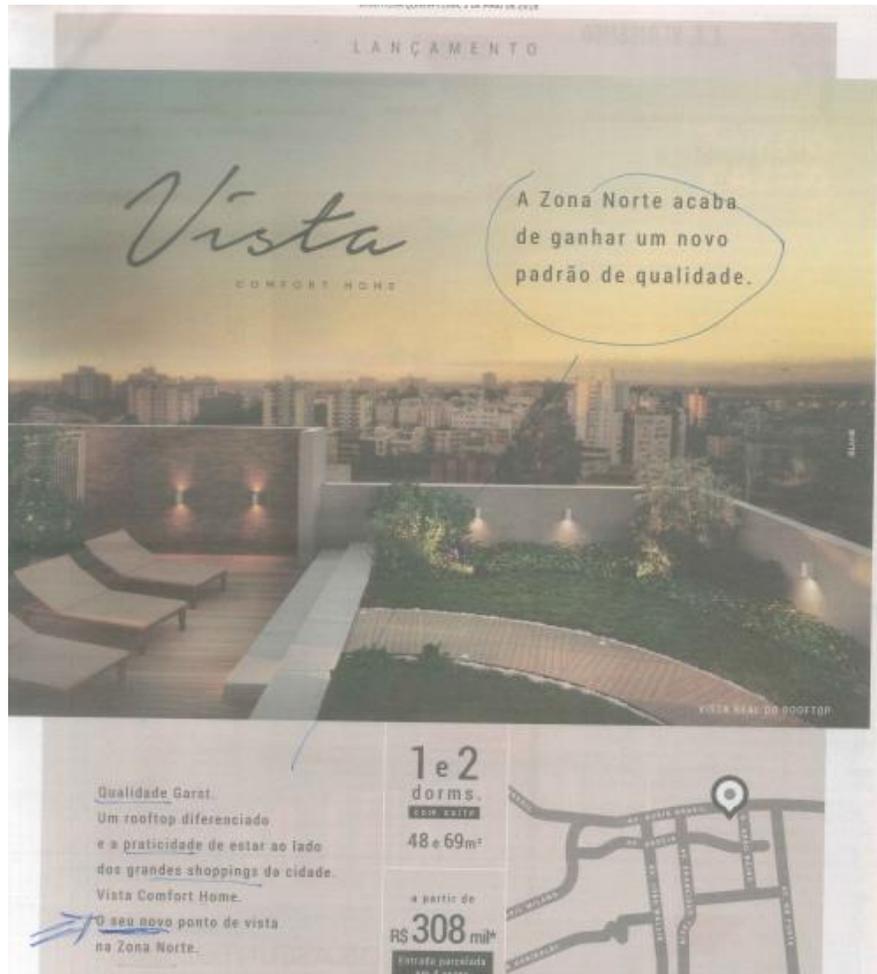
²² **Operação Zelotes envolve bancos, grandes empresas e afiliada da Globo**, ver: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/parlatorio/operacao-zelotes-envolve-bancos-grandes-empresas-e-afiliada-da-globo-6208.html>, acesso 17.06.2018.

²³ Ver Livro **Cidades Sitiadas**, Boitempo, São Paulo, 2016, no qual Stephen Graham destacada a expertise na segurança das empresas militares israelenses testadas contra os palestinos, e que se traduzem em produtos (mercadorias) vendidas em todo mundo para as cidades. Ver notícias sobre o tema, por exemplo, nas seguintes notícias: <http://israeltrade.org.br/noticias/cyberseguranca/governo-rio-grande-sul-recebe-representantes-de-israel-para-debater-tecnologias-na-area-da-seguranca-publica>; http://www2.portoalegre.rs.gov.br/portal_pmpa_novo/default.php?p_noticia=999194873&PREFEITO+BUSCA+INVESTIMENTO+E+TECNOLOGIA+PARA+SEGURANCA+EM+ISRAEL; <https://oglobo.globo.com/mundo/brasil-israel-buscamaior-cooperacao-em-seguranca-publica-tecnologia-22572672>, acesso 17.06.2018.

combatê-la, além de gerar lucros prepara-los – as elites – diante do crescimento da miséria, da exploração e da luta de todos contra todos implícitos em sua estética competitiva.

Um segundo objeto de análise foi a propaganda de uma empresa “imobiliária” na edição de maio e depois de forma permanente nas edições seguintes do mesmo jornal é do lançamento de um empreendimento imobiliário na zona norte de Porto Alegre pela MRV²⁴.

Imagem 2 - propaganda no Jornal Zero Hora



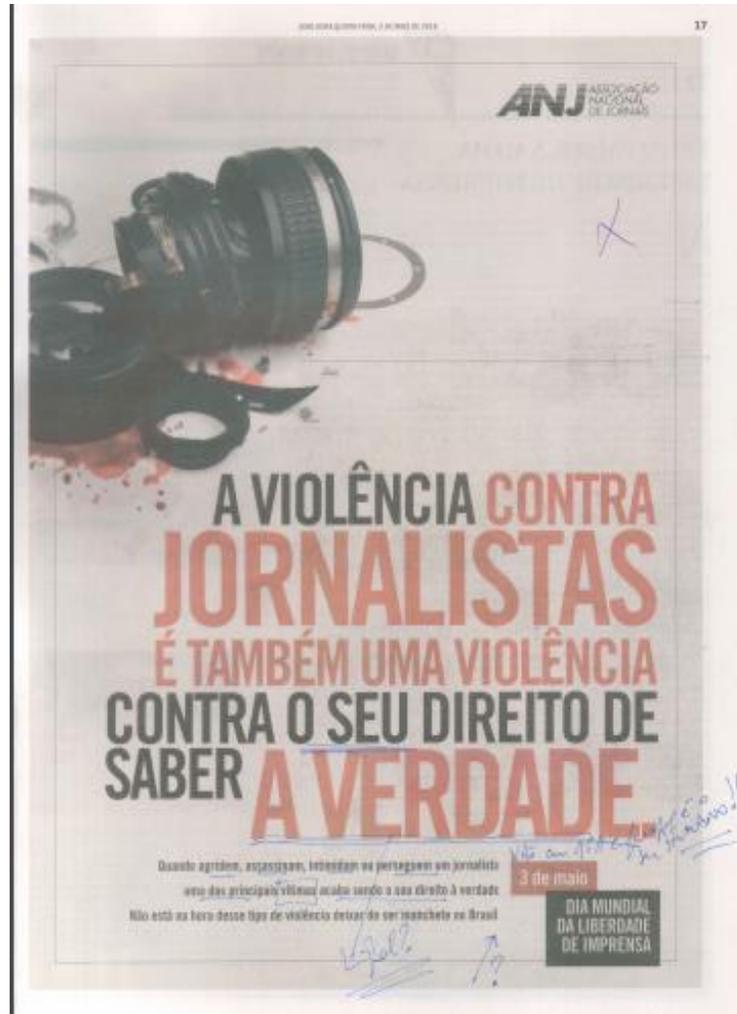
Fonte: Jornal Impresso, CM(2018).

A propaganda em página inteira apresenta a vista da cidade desde o terraço do prédio em venda na zona norte de Porto Alegre, com apartamentos de 1 e 2 dormitórios, de 48 e 69 metros quadrados, com valores a partir de R\$ 308 mil. Se afirma ser um imóvel da Garst Construtora, referente a um *rooftop* diferenciado, e a praticidade da proximidade dos grandes *shoppings* da cidade. Com foco direto ao leitor, o anúncio traz a vista do terraço, donde do alto, acima de todos da cidade, e, portanto, de um ponto de vista. A relação que fizemos desse foco analítico é de que, ao início – em cima – apresenta-se o ponto de vista (a imagem ao final da tarde, da cobertura, certamente muito mais do que os 308 mil), baixando aos detalhes já vamos imaginando-nos deitado nas cadeiras, na beira da piscina e, usufruindo de tal beleza (estética ideal). E para finalizar, então, mais abaixo diz ao leitor que tal “beleza” poderá ser dele: ser “o seu novo ponto de vista na zona norte”!

²⁴ Ver a relação da MRV com a paixão brasileira pelo esporte: <https://mrvnoesporte.com.br/>, acesso 17 de jun. 2018.

Por fim, um terceiro exemplo, relacionado a uma campanha no Dia Mundial da Imprensa, melhor da liberdade de imprensa, também em página inteira no jornal.

Imagem 3 - propaganda ANJ na Zero Hora



Fonte: Jornal Impresso, CM(2018).

Nesta campanha da Associação Nacional dos Jornais (ANJ), o leitor é apresentado como a principal vítima da violência contra os jornalistas ao terem cerceado sua liberdade de acesso a notícia, à verdade. A câmera fotográfica quebrada, o sangue do jornalista, assim como as cores vermelhas na manchete, faz contraste à mensagem em letras pretas, que traz "a violência contra o seu direito de saber"! A verdade aparece em letras grandes, em destaque, para em letras pequenas dizer que quando isso ocorre você perde seu direito, de saber a verdade, e, portanto você é o primeiro a ser prejudicado! Ou seja, o jornalista (o trabalhador), morto, torturado, impedido de fazer seu trabalho, é deixando em segundo lugar, como Zero Hora fez em sua convivência e apoio durante a ditadura militar (1964-1989)!

A empresa RBS e seu jornal Zero Hora, produzem uma mercadoria consistente e afinada aos interesses mais avançados dos grupos e setores dominantes seja por fazer parte dos mesmos, assim como ser expressão de seus interesses (das empresas e das elites). Para tanto, as informações factuais são coletadas, organizadas e apresentadas ou exibidas, seja na montagem da capa, bem como na propaganda de tal forma a produzir uma significação por parte do leitor em afinidade a seus ideais (valores, interesses, ideologia).

No caso da propaganda, é a empresa promotora que produz sua indução ao leitor para comprar o imóvel anunciado. No entanto, tanto a capa, como a campanha e a propaganda estariam afinadas com os valores, ideais e sentidos relacionados ao sistema mais amplo e ao grupo social foco de cada um dos itens que analisamos.

Diríamos ainda que, no caso da campanha, sua importância em ser analisada criticamente advém do fato de que atualmente um de seus executivos - Marcelo Antônio Rech²⁵ – preside a Associação Nacional de Jornais, além de vice-presidente Editorial do Grupo RBS. Além disso, é presidente do Fórum Mundial de Editores (WEF), ligado à Associação Mundial de Jornais (WAN-Ifra).

No outro lado, da parte dos jornalistas, no dia 07/05/2018, o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio Grande do Sul publicou uma matéria sobre as ameaças de morte sofridas pelo seu diretor Roberto Carlos Dias, por seguidores do deputado Jair Bolsonaro, realizadas via redes sociais e pessoalmente. No dia 10/05/2018 outra matéria sobre a aprovação pelo Conselho de Comunicação Social do Congresso Nacional do Observatório da Violência contra Comunicadores, o qual já contabiliza neste primeiro semestre a morte de dois jornalistas e 41 casos de violência contra esses trabalhadores. E no dia 18/05/2018 veicula a matéria sobre o calote do Grupo RBS de descumprimento do acordo coletivo com as entidades patronais de repasse da contribuição sindical, totalizando R\$ 280 mil não repassados²⁶. Portanto, um é o discurso a favor da verdade e da garantia da mercadoria chegar até o consumidor do jornal, outra, de forma secundária é a vida e as ameaças a seus trabalhadores e práticas não muito idôneas da empresa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações analíticas feitas nos comentários da capa do jornal Zero Hora, da campanha e da propaganda serviram como material de apoio na materialização reflexiva deste ensaio. Dissemos, ao início que os neoliberais – em sua nova razão do mundo – através de seu discurso buscam produzir maneiras de conduzir os indivíduos, suas condutas e ações, formas de agir em conformidade ao sistema empresarial e concorrencial que fundamenta seu sistema e civilização competitiva. E, ainda que, tal sistema está a nos conduzir de um lado à barbárie e de outro a destruição do Planeta, seja pelo consumismo (da produção sem fim para uma obsolescência programada pelo próprio sistema capitalista), pela contaminação, da destruição das florestas, o uso de energias fósseis e da exploração de minérios, da água, etc. naquilo que Maristela Svampa chamou de consenso das commodities (SVAMPA, 2017)²⁷. E, como argumentamos há uma visão de mundo construída desde a modernidade que justifica tais processos que se articulam de um lado, à ideia de nossa separação (indivíduos, humanos) da natureza, bem como superiores a ela e, portanto, passível de ser explorada de forma que bem entendermos, de outro. Tal concepção se articula no conceber ao próprio sistema produtor de mercadorias, pois a natureza seria mais uma delas, ou produtora de mercadorias a sociedade de consumo atual.

A indução, nos exemplos que apresentamos se expressa (a) através do visível enquanto imagens na capa e, de sua organização, ao destacar determinados eventos e notícias em sintonia com os interesses e paradigmas professado pela empresa RBS, sem os explicitar, pois sempre apresentados como sendo neutro e compromissados com a verdade factual; (b) na campanha contra a liberdade de imprensa e a verdade que os jornais possibilitariam, e que com a morte, tortura ou impedimento do trabalho do jornalista, ficaríamos impedidos de ter acesso à verdade, e, portanto, teria sido cerceado em sua liberdade, (c) de forma mais direta, na propaganda o objeto e foco da mesma que é a venda do imóvel apresentado (de uma cobertura).

²⁵ Está na empresa desde 1988, e cursou jornalismo na UFRGS, do Programa de Desenvolvimento de Executivos da Fundação Dom Cabral e especialização no Media Management Center, vinculado à Kellogg, além de curso de estratégia de mídia na Harvard Business School, ambas nos Estados Unidos.

²⁶ Ver: SINDJORS: intransigente no combate à violência contra jornalistas. Disponível em:<<https://www.jornalistas-rs.org.br/detalhes-noticia/?txtIdNoticia=1408>>. Acesso 17 de jun. 2018.

²⁷ Ver <https://movimentorevista.com.br/autores/maristella-svampa/>, do Consenso das Commodities ao consenso anti-indígenas, acesso 10.10.2018.

No entanto, do ponto de vista discursivo em todas as partes analisadas predomina um discurso direto, ao leitor, para você, ou seja, é você que pode e tem que decidir, é você quem tem que agir e pensar como eles, ou seja, em conformidade a nova razão de mundo capitalismo: de um indivíduo competitivo formado e educado a partir de hábitos, valores e competências!

No entanto, o contexto desigual e injusto, e, além disso conflitivo decorrente da “partilha do sensível” simbólico, social e natural expresso na atualidade através do golpe civil-jurídico-parlamentar e midiático numa presidenta eleita não pode ser eludido, e esteve como pano fundo implícito; e de outro, na exploração da natureza via ampliação do agronegócio, das mineração, da exploração das águas e dos mares, do ar, etc. para o qual, tanto golpistas como golpistas em nome do desenvolvimento e do crescimento econômico tem defendido. Naquele primeiro aspecto, seja a prisão de Lula, seja na construção das condições de ascensão do fascismo a cumplicidade da mídia capitalista brasileira e do judiciário tem colocado em cheque a institucionalidade liberal e capitalista no Brasil²⁸. que esteve ao lado na ruptura institucional, além de responsável pela polarização na atualidade e da disseminação de *fake news* ou não noticiando temas ou pessoas que não comungam de seus paradigmas. No entanto, as questões vão além destes aspectos políticos aparentes, digamos assim, pois o que está em jogo (outubro de 2018) é o avanço da radicalização de uma direita política, e alguns dizem até fascista (SANTOS, 2018), de um liberalismo não democrático (WOLF, 2018) construída pelo ácido (LUCE, 2018) e *fake news* (BENITES, 2018)²⁹.

E pergunta-se: que escola teremos em um sistema que se propõe autoritário e contra o povo, a liberdade e a democracia? Que currículo terá a escola e que Educação Ambiental teremos perante tamanho retrocesso frente ao avanço da opressão e da privatização dos serviços públicos? E como será a relação escola, estudante e professor, enquanto uma deve seguir as determinações do Estado, um quer seguir as determinações da mídia e o outro, coercitivamente deve manter conteúdos e posturas padronizadas que em nada condizem com o existir humano, o respeito pela individualidade e diversidade coletiva?

Portanto, visamos mostrar neste ensaio que a realidade “realmente existente chamada capitalismo”, e sua nova razão do mundo (DARDOT e LAVAL, 2016), são sustentadas na produção estética padronizada hegemônica que busca se constituir como neutra, como verdade factual, como falando e expressando o que os leitores gostariam de ver, ler ou significam numa capa, numa campanha, numa propaganda ou, até mesmo, no currículo escolar. Tal estética induz os leitores aos e nos princípios liberais e seus elementos atuais (a nova razão), como sustentação dos fundamentos da produção e reprodução da estrutura social, econômica e política desigual de injustiça ambiental realmente existente. Tais evidências indicam, em nossa perspectiva, uma indução a produção do sensível no leitor ao relacioná-lo a um único (valores e visão de mundo), e sem divisões da verdade factual expressa pela capa, pela campanha e as propagandas no jornal que usamos como exemplo.

Na medida em que o sistema econômico e político, a partir do golpe, expressam de forma hegemônica os valores e ideais liberais e neoliberais, acordado entre os atores hegemônicos na derrubada de Dilma

²⁸ Não queremos com isso que corruptos ou indivíduos e políticos que “roubem” recursos públicos não sejam presos e paguem por seus atos ilícitos, no entanto, há inúmeros questionamentos aos processos em desenvolvimento no Brasil e que, evidencia naquilo que Jesse de Souza expressa em seu artigo: *O problema do Brasil é o ódio ao pobre*, in: Le Monde Diplomatique Brasil, setembro de 2017.

²⁹ Boaventura de Sousa Santos, Democratas brasileiros, uni-vos!, Público, 10.10.2018, <https://www.publico.pt/2018/10/10/mundo/opiniao/democratas-brasileiros-univos-1846737>; ou Martin Wolf, no que chamou de “um liberalismo não democrático” in: Salvando a democracia liberal dos extremos, Valor econômico, 26.set. 2018, p.A13; ou Edward Luce, *Política se dissolve em ácido nos EUA*, sobre as ações de Trump e Cia, ao contaminar os poderes do Estado naquele país, Financial Times (in Valor, 28.09.2018, p. A13); Jornal El PAÍS, *A máquina de ‘fake news’ nos grupos a favor de Bolsonaro no WhatsApp*, 26/09/2018, in: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/26/politica/1537997311_859341.html, acesso 10.10.2018.

Rousseff e expressão simbólica verificada também na produção permanente da sociedade como substrato simbólico através de diferentes mídias, e também na imprensa formal, no conjunto da sociedade, apresenta-se como um dos principais elementos de resistência nos processos de Educação Ambiental crítica e para a justiça ambiental, assim como de transformação e emancipação social.

Por fim, diríamos que tal processo de produção simbólica sobre o indivíduo não é algo, apenas, “de fora para dentro”, mas sim que articula o hegemônico enquanto perspectivas dominantes, sobre as relações sociais no e do sistema vigente, perspectivas egoístas de futuro desde o medo no presente, desde a superioridade de uns sobre “outros” e “outras” assim como da natureza, que está aí para ser explorada e utilizada para bens e consumismo sem fim. Tais perspectivas e ações cotidianas abstrai, ou não “está nem aí” se para satisfazer seus interesses de mais e mais consumo o planeta for a “pique”! Até porque sua perspectivas e modo de vida e de futuro é daqueles astros e modelos que a mídia capitalista diariamente lhe infecta a cabeça via diferentes mídias sociais, e não a do pai e mãe, trabalhadores, operários, moradores da periferia, que na perspectiva neoliberal são pessoas que não tiveram capacidade e competência suficientes para serem empreendedores, empresários, celebridades, pessoas de sucesso.

O povo que luta, a família que consegue (ou conseguia), manter seu filho na escola não pode, nesta atual estética, criar outros meios para ser feliz. Logo, o fazer pedagógico, a dinâmica curricular capitalista e autoritária na atual mudança política, permitirá que as necessidades dos estudantes e suas identidades, sejam assim reconhecidas, valorizadas e contempladas no existir da educação? E como fica a natureza, quando estas pessoas são levadas a crer que a responsabilidade da poluição e contaminação dos recursos naturais é delas e não das empresas que produzem embalagens não biodegradáveis ou cometem crimes ambientais chamados pela mídia de “acidentes”? Estas são questões que dependem de um despertar solidário de todos, para uma Educação Ambiental crítica e para a justiça social e ambiental.

REFERÊNCIAS

- ACSELRAD, Henri; MELLO, Cecília Campelo Amaral; BEZERRA, Gustavo das Neves. *O que é justiça ambiental?* Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- BENITES, Afonso. A máquina de "fake news" nos grupos a favor de Bolsonaro no Whatsapp. In: *El País*, 28 de set.2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/26/politica/1537997311_859341.html . Acesso em 10 de out. 2018.
- CECEÑA, Ana Esther. Estrategias de construcción de una hegemonía sin límites. *En libro: Hegemonias y emancipaciones en el siglo XXI*. Ana Esther Ceceña(comp.). CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires, Argentina. 2004. p. 224. Disponible en la World Wide Web: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/cecena2/cecena.rtf>, acesso 16 de jun. 2018.
- CORREIO DO POVO. Entrevista com Jeferson Tenório. In: *Caderno de Sábado*, 19 Maio de 2018.
- DARDOT, Pierre. LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DESCOLA, Philippe. *Outras naturezas, outras culturas*. São Paulo: Editora 34, 2016.
- EISNER, Will. *Quadrinhos e arte sequencial*. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- ESTEVEZ, Pablo Rene. *Educar para el bien y la belleza*, Editorial Pueblo y Educación, Cuba, 2011.
- GRUPO RBS. *Zero Hora*. [Versão Impressa]. Publicação de 03 de maio de 2018.
- GRUPO RBS. O Grupo RBS. In: Grupo RBS.com. Disponível em: <<http://www.gruporbs.com.br/o-grupo-rbs/>>. acesso em 16 de jun. 2018.
- HARVEY, David. *El cosmopolitismo y las geografías de la libertad*. Espanha: Ediciones Akal, 2017.
- LAROUSSE. *Dicionário Enciclopédico Ilustrado*. São Paulo: Larousse do Brasil, 2007.

ISSN 1983-1579
Doi: 10.22478/ufpb.1983-1579.2018v3n11.40594
<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php>

LE ROBERTIT. *Dicionário Língua Francesa*. Paris: Sejur, 2008.

LÍSIAS, Ricardo. Escarcéu Jurídico. *Revista Quatro Cinco Um*. Associação Quatro Cinco Um. São Paulo: 2018. Disponível em: <<http://revista451.com.br/conteudos/visualizar/Escarceu-juridico>>, acesso 17 de jun. 2018.

LUCE, Edward. Política se dissolve em ácido nos EUA. *Valor econômico*, 28.set.2018. p. A13.

GUERREIRO, António. “O asteróide somos nós”, entrevista com Frédéric Neyrat⁴², *ípsilon*, sexta-feira, 10 de agosto de 2018. (encarte jornal o Público). In: <https://www.publico.pt/2018/08/08/culturaipsilon/entrevista/elementos-para-uma-nova-ecologia-politica-1840351>, acesso 15.09.2018.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios & procedimentos*. 8ª. ed. Campinas: Pontes, 2009. 100p.

PALLAMIN, Vera. Aspectos da relação entre o estético e o político em Jacques Rancière. *Risco: Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (Online)*, São Carlos, n. 12, p. 6-16, July 2010. ISSN 1984-4506. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/risco/article/view/44800/48431>>, acesso 17 de jun. 2018.

RANCIÉRE, Jacques. *Partilha do sensível*, 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora 34, 2009.

RANCIÉRE, Jacques. *AISTHESIS – Escenas del régimen estético del arte*. Buenos Aires: Bordes Manantial, 2013.

SAHLINS, Marshall. *La ilusión occidental de la naturaleza humana*. México: FCE, 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Os conceitos que nos faltam*. *Jornal Letras*.pt, 1-14 agosto de 2018, p.30-31

Sindicato dos Jornalistas do Rio Grande do Sul. Disponível em: <www.jornalistas-rs.org.br>. Acesso em 16 de jun. 2018.

SVAMPA, Maristela. *Do "consenso das commodities" ao "consenso anti-indígena"?*. 2017. Disponível em: <<https://movimentorevista.com.br/2017/09/commodities-anti-indigenas-argentina/>> Acesso em: 10 de out. 2018.

WILLIAMS, Raymond. *Palavras-chave*. São Paulo: Boitempo, 2007.

WOLF, Martin. Salvando a democracia liberal dos extremos. *Valor econômico*, 26.set. 2018. p.A13.

Recebido em: 21/06/2018

Alterações recebidas em: 17/10/2018

Aceito em: 09/11/2018